

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A DESIGNAÇÃO HISTERIA NO PRONUNCIAMENTO DE JAIR BOLSONARO EM ENTREVISTA PARA A CNN

RÔMULO SILVEIRA BORGES BALZ;
PROF^a DR^a LUCIANA IOST VINHAS

Universidade Federal de Pelotas– romulobalz20@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas– lucianavinhas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do ano de 2020, pudemos perceber a emergência de uma pandemia, causada pelo coronavírus. Contudo, com esse novo acontecimento no mundo todo, diversos discursos passaram a circular, sendo que alguns deles configuram o objeto deste estudo. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar, com base na perspectiva da análise de discurso materialista, doravante (AD), o pronunciamento de Jair Messias Bolsonaro, atual Presidente da República, quando esse fez uso da designação histeria para caracterizar as medidas preventivas (não farmacológicas) contra o novo coronavírus ao conceder uma entrevista para a CNN, no dia 15 de março de 2020. É preciso expor que se trata de um recorte de um estudo em desenvolvimento. Nesse sentido, nos questionamos: quais efeitos de sentido são reproduzidos pelo maior representante do executivo, quando da utilização da designação histeria? Tal questionamento vem nos auxiliando no desenvolvimento do estudo, o qual pretende empreender uma reflexão sobre o processo discursivo que constitui esses pronunciamentos. Para tanto, estamos fazendo uso dos instrumentos teóricos- metodológicos da AD.

A análise de discurso é uma disciplina que, conforme PÊCHEUX (2014 [1975]), se interessa pelo discurso, este compreendido como o efeito de sentido entre interlocutores. Para isso, a AD leva em conta o sujeito com relação à linguagem e a ideologia que o interpela. De acordo com ORLANDI (2001), a língua em AD é tratada de uma forma diferente daquela que podemos encontrar na linguística formal. Assim, na perspectiva discursiva materialista, a língua é sujeita à falha. Compreender isso é fundamental para o estudo que estamos propondo, pois a AD não concebe a forma de designar em relação à literalidade do texto, mas como um processo discursivo, o qual deve ser analisado pelo analista de discurso, colocando a língua em relação com a exterioridade.

2. METODOLOGIA

Para compreendermos esse processo, em um primeiro momento, após a análise do arquivo, passamos a constituir o nosso corpus, o qual é formado por sequências discursivas, sendo que essas, de acordo com o nosso critério de análise, deveriam conter a designação histeria. Além disso, selecionamos trechos da fala de Bolsonaro, pois entendemos que esses nos ajudam a compreender os sentidos que estão sendo reproduzidos pelo sujeito-enunciador. As sequências discursiva e trechos são referentes ao primeiro episódio, ocorrido no dia quinze do mês de março de 2020. Nelas, percebemos um excesso, tal como proposto por ERNST (2009). Em seguida da constituição do nosso corpus de pesquisa, começamos a observar e a nossa

materialidade com o objetivo de definir as noções que melhor atenderiam os nossos objetivos. Nesse sentido, além de noções fundamentais que fazem parte de toda e qualquer análise de discurso que tenha filiação pecheutiana, estamos utilizando autores que discutem acerca da designação do ponto de vista discursivo. Sobre esse aspecto, GUIMARÃES (2005), com base em uma perspectiva da enunciação, defende que a designação deve ser pensada como a significação submetida ao simbólico e ao real. Com isso, é possível dizer que a designação é um efeito discursivo, ou seja, que na AD ela deve ser pensada em relação ao discurso, sempre em contradição com outros modos de designar. Logo, entendemos que tais modos de designar são, conforme PÊCHEUX (2014 [1975]), dependentes da ideologia que interpela os sujeitos, de modo que, por meio desse efeito ideológico, os sujeitos têm a ilusão de serem a origem dos discursos. Tal efeito, ainda de acordo com esse autor, é decorrente do esquecimento nº 1, tratado como estruturante do sujeito, tendo em vista que, para dizer, o sujeito deve ter a ilusão de ser a origem do sentido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho está em fase de desenvolvimento e, por isso, apresentaremos somente a análise referente ao primeiro episódio. Dessa forma, os resultados apresentados serão provisórios, tendo em vista que, para termos algo mais concreto, precisamos relacionar as análises dos três episódios para compreendermos melhor o processo discursivo que se apresenta.

Com base na análise desse episódio, pudemos perceber que Bolsonaro utiliza o termo histeria para designar a posição de quem é a favor de medidas sanitárias mais restritivas para todos, bem como a posição de quem é contra as práticas do atual governo. Nesse sentido, identificamos como um dos efeitos de sentidos, relacionar quem é contrário às práticas do governo atual a uma patologia, isto é, o outro que se opõe ao governo é tido como doente. É importante expor que o sujeito-enunciador se identifica com uma posição anticientífica, pois nega o que é dito pela ciência, sobretudo as medidas de prevenção, ao mesmo tempo em que coloca em pauta a eficácia da vacinação. Tal posição parece apontar para uma formação discursiva entendida como protofascista, pois, de acordo com vários estudos, há uma correspondência entre o atual governo e o fascismo. Todavia, de acordo com FONTES (2021), a promoção de práticas de cunho fascistas, bem como os discursos assentados em uma ideologia fascista, não necessariamente implica na institucionalização de um regime fascista. Por outro lado, JÚNIOR (2019) corrobora com essa última autora, quando expõe que o governo Bolsonaro, de extrema-direita, possui características protofascistas. Além disso, JÚNIOR (2019) defende que esse caráter anti-intelectual e anticientificista do governo possui correlatos em outros governos pelo mundo.

Entretanto, não estamos, com isso, dizendo que tais características se apresentam tal qual como nos outros regimes, mas sim, que o maior representante do executivo, ao discursivizar, reproduz sentidos alicerçados em pressupostos fascistas. Sendo assim, consideramos pertinente trazer para a discussão um dos estudos citados:

O anticientificismo também é uma marca do governo Jair Bolsonaro. Trata-se da adesão do presidente e de seus

correligionários a certo movimento contrário à ideia de que a ciência é uma forma legítima de interpretação da realidade. Assim, é notória a forma como o presidente Jair Bolsonaro se opõe pública e excessivamente a tudo que se relaciona com a ciência, com métodos científicos e com a sua aplicação em qualquer esfera da vida. Esse anticientificismo muitas vezes se manifesta por meio do negacionismo, um comportamento tosco que nega a realidade para se esquivar do que ela empiricamente evidencia, de modo que pensa e age estupidamente, sem qualquer validação de eventos ou experiências históricas que referenciem tal ação ou pensamento (SOUZA, 2020, p.13).

Com base nessa citação, assim como nas análises das sequências discursivas que selecionamos, pudemos perceber que o sujeito-enunciador, além de reproduzir um imaginário sobre a histeria, também o faz em relação à ciência. No entanto, devemos ressaltar que tais imaginários se constituem discursivamente, em um processo que leva em conta o sujeito, a língua e a história.

4. CONCLUSÃO

Embora ainda estejamos trabalhando nesse projeto, conseguimos perceber que os discursos sobre a saúde se apresentam como um catalisador para as mais diversas práticas políticas em saúde e que o investimento nessa área depende da relação de um determinado regime com a ideologia, não somente em termos discursivos, isto é, que as diferentes ações direcionadas ao âmbito da saúde são dependentes dessa relação ideológica, sendo que os discursos funcionam tanto para legitimar tais práticas como para denunciá-las. Também é preciso reafirmar o desmonte da saúde, onde quem mais sofre são as pessoas de classes sociais menos favorecidas economicamente. Além disso, entendemos que todo e qualquer trabalho científico é, sobretudo nos dias atuais, uma forma de resistência, tendo em vista os desafios a que a ciência vem sendo submetida nos últimos cinco anos. Assim, esperamos que esse trabalho, quando finalizado, possa contribuir para a reflexão sobre esses processos discursivos que estão comprometidos, no nosso entendimento, com a desconstrução dos direitos e políticas sociais adquiridas ao longo das últimas décadas, principalmente pelas classes trabalhadoras.

Referências

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do corpus discursivo. In: **Anais do seminário de estudos em análise de discurso**, 4. Porto Alegre, 2009.

FONTES, V. O protofascismo- arranjo institucional e policialização da existência, 2021. *Marxismo* 21.

GUIMARÃES, E. Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação. Campinas :SP, Pontes, 2005.

JÚNIOR, C.Z.S. Obscurantismo e Anticientificismo no Brasil bolsonarista: anotações sobre a investida protofascista contra inteligência e a ciência no Brasil. *Cadernos GPOSSHE on-line*, Fortaleza, v.2, nº especial, 2019.

MICHEL, P. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 5º ed, 2014.

ORLANDI E. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes; 2001.

SOUZA DOS, J. Neofascismo e Anticientificismo como Estratégia Atual da Burguesia para enfrentar a crise orgânica do capital. **Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v.5, nº8, 11-22, 2020.